

humanitas



Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

UMA BUCÓLICA GREGA EM GIL VICENTE

A cultura clássica de Gil Vicente foi redondamente negada por D. Carolina Michaelis.

Analisando as citações latinas do dramaturgo, com o auxílio dos conhecimentos bíblicos do Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, a sábia romanista — como merecidamente lhe chamam tantas vezes — provou que os exemplos de latinidade de Gil Vicente revelam nítido cunho eclesiástico.

Era intenção de D. Carolina Michaelis desmentir o genealogista patranheiro que pensara nobilitar «o que fazia os aitos a el-Rei», tornando-o mestre de Retórica de D. Manuel I.

Mas parece-me que foi um pouco longe nas suas conclusões (1). E alguns dos que leram as *Notas Vicentinas* foram talvez ainda mais longe (2).

(1) Cf. *Notas Vicentinas*, edição da *Revista 'Ocidente'*, Lisboa, 1949, pp. 154, 220, etc.

(2) Por exemplo, o Comentador da edição Sá da Costa, quando, no Prefácio inserto no volume I, informa: «Dos clássicos latinos, D. Carolina Michaelis encontrou apenas a frase de Virgílio *omnia vincit amor*».

Seria mais exacto dizer que o próprio poeta informou os leitores acerca da fonte do seu latim que, aliás, apresenta na ordem directa do português (*amor vincit omnia*):

Ó qué palavras de tanto saber!

Escriviolas el gran poeta Vergilio.

(*Auto das Fadas*)

Há uma reminiscência virgiliana, pelo menos, que, salvo erro, D. Carolina Michaelis não notou. Os versos:

que la salud de los perdidos
es no esperar por ella

Com efeito, não só não pertencem ao domínio eclesiástico todas as citações, como algumas delas ainda continuam por identificar.

Demais a D. Carolina Michaelis parece ter escapado o humorismo do uso do latim incorrecto por parte das personagens de Gil Vicente. Em época em que o emprego do latim se tornara decerto uma forma de «snobismo», documentada claramente no *Cancioneiro Geral* (1), aportuguesar o latim na boca de personagens populares tinha provavelmente sabor cómico para os que conheciam o seu uso correcto e eram então bastantes.

Por outro lado, pôr latim incorrecto na boca de personagens cultivados e, inversamente, latinidade correcta na fala dos incultos era uma prática que decerto divertia o próprio Gil Vicente e não só ele. Entre os espectadores, muitos se ririam da partida pregada à gravidade dos latinistas encartados do tempo.

Vou dar exemplos, embora poucos, porque não é este o objectivo do presente trabalho.

Sobre o aportuguesamento do latim, podem tomar-se da *Comédia de Rubena* as falas da parteira e da feiticeira:

Par.....

Dizey três vezes passinho

O verbo caro fato he:

No principio o verbo era

era do verbio cheo

o verbio era *apodeo*.

da *Tragicomédia de Amadis de Gaula* (ed. Costa Pimpão, p. 343) são uma tradução literal de Virgílio, *Aen.* II, 354:

Vna salus uictis, nullam sperare salutem.

O pensamento encontra-se também no *Cancioneiro Geral*, expresso de modo que o original latino é transparente:

nem nos vencidos saude

senam nam na esperar

(J. Pereira Tavares, *Antologia de Textos Medievais*, clássicos Sá da Costa, p. 108)

diz D. João Manuel na sua «falia ou pallauras moraes».

(1) O tantas vezes citado «ssino de latym».

Uma personagem popular que se exprime em latim correcto é a irreverente forneira do *Triunfo do Inverno*:

*Qui semetipsum laudat
despicit honorem suum.*

D. Carolina Michaelis, com certo alheamento do humorismo da situação, escreveu: «Não pede louvor quem o merece. Um refrão latino em boca duma Forneira descida da Serra de Sintra, a fim de maldizer o Verão, talvez seja a única incoerência linguística cometida por Gil Vicente».

A tradução dada ao provérbio pela Autora das *Notas Vicentinas* é apenas aproximada. Entretanto, deve reconhecer-se que este caso de inesperada subida de nível da latinidade é, de facto, único.

O passo, que não consegui ainda referenciar, está ritmado e, se suprimirmos, em seguida a *se*, ou *-met* ou *ipsum*, um dos quais é desnecessário (e o poeta deve ter usado para perfazer os dois versos portugueses), ficaremos com um senário iâmbico.

As altas personagens do *Auto da Barca da Glória* exprimem-se em latim geralmente correcto, à parte um caso de rima e um outro de evidente erro tipográfico. Mas os homens do Direito contam-se entre os que, com maior frequência, se mostram pitorescamente incorrectos no uso do latim:

*Non sunt peccatus meus,
peccavit uxor mea (1)*

diz o Corregedor do *Auto da Barca do Inferno*.

E Mercúrio, deus que toma grandes liberdades com a sintaxe latina, no *Auto da Feira*, proclama: «*Et quantum ad stella Mars, speculum belli, et Venus, Regina musicae, secundum Johannes Monteregio*» (2).

Prática semelhante aparece numa comédia posterior a Gil Vicente. Assim, no *Auto das Regateiras de Lisboa, composto por um frade Loyo*,

(1) Ed. Costa Pimpão, p. 65. É desta edição o texto vicentino citado em todo o artigo.

(2) Cf. o estudo que deste passo fez D. Augusta Faria Gersão Ventura no seu importante trabalho *Estudos Vicentinos. I—Astronomia-Astrologia*. Coimbra, 1937, pp. 15-25.

filho de hũa delias (1), de autor desconhecido, enquanto as regateiras usam latim mais ou menos correcto, o juiz emprega linguagem francamente macarrónica.

O latim como elemento de cómico, foi, infelizmente, descurado por Teyssier (2) que, entretanto, se ocupa das outras línguas usadas no Teatro Vicentino.

*
**

A Gil Vicente chegaram os ecos de uma das poesias gregas mais traduzidas e imitadas no Renascimento. Trata-se do «Amor fugitivo» de Mosco, transmitido pelos manuscritos dos poetas bucólicos e também pelos da *Antologia Palatina* (IX, 940).

Em português, foi livremente parafraseado por António Ferreira, mas já depois da adaptação dramática que dele fez Gil Vicente, na *Tragicomédia Frágua d'Amor*.

Ambas as ocorrências do idílio de Mosco são há muito conhecidas, mesmo no estrangeiro. Referem-se-lhes, nomeadamente, Wilfred

(1) *Publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa por Francisco Maria Esteves Pereira, em 1919.*

Na p. 26 lê-se:

Natalia. *Ai ignis, grando, nix, glacies*
isso nem dado nem de graça
são subditos do barril

Brasia Antunes. Comadre, ela vê aquilo?

Domingas Nunes. *Et subito probas illud*
He sudito do barril.

A linguagem cómica neste diálogo é acentuada pela assonância da frase portuguesa que segue cada expressão latina, como se a quisesse traduzir.

Quanto ao latim macarrónico do juiz, bastará um exemplo :

Lex produzida de regateiris iratis
andantes cum clericatis, haec est

(p. 31)

O texto usado pelo Editor, no diálogo das regateiras acima transcrito, pertence ao MS 8581 da Biblioteca Nacional de Lisboa. O MS 8594 da mesma Biblioteca, que também apresenta esta comédia, dá um texto latino menos correcto.

(2) Paul Teyssier, *La Langue de Gil Vicente*. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1959.

P. Mustard, «Later echoes of the Greek Bucolic Poets» em *American Journal of Philology* xxx (1909), pp. 245-283; James Hutton, «The first Idyl of Moschus in Imitations to the Year 1880», no mesmo *American Journal of Philology* xlix (1928), pp. 105-136; J. G. Fucilla, «Materials for the History of a popular classical theme» em *Classical Philology* 26 (1931), pp. 135-152. E ainda James Hutton, já citado, no seu livro *The Greek Anthology in Italy to the Year 1800*, publicado em 1935.

Na vizinha Espanha, Menéndez y Pelayo na *Antología de Poetas Líricos*, já em 1898 se referiu à fonte grega: «La *Frágua* es una de las rarísimas piezas en que Gil Vicente tiene imitaciones directas de algún poeta clásico. Venus aparece buscando a su hijo el Amor, y se queja de su pérdida en términos análogos a los del primer idilio de Mosco, atribuido por algunos a Teócrito» (Edición Nacional, 1945, vol. III, p. 384).

E no vol. II, pp. 445-480, dos *Estudios dedicados a D. Ramón Menéndez Pidal*, em 1951, publicaram Angel González Palencia e Eugenio Meie um artigo sobre esta matéria, intitulado «El Amor Fugitivo, de Mosco, en las Literaturas Italiana, Española y Portuguesa».

Finalmente, em Portugal, ocupou-se do idílio grego a Prof. Doutora Maria Helena da Rocha Pereira que, em estudo publicado na revista *Humanitas* XI-XII (1959-60), pp. 91-93, tratou da versão parafrástica de Antonio Ferreira.

A intenção do presente trabalho é observar mais de perto as relações entre Gil Vicente e a Bucólica e fazer algumas sugestões sobre os intermediários entre o texto de Mosco e o poeta português.

Logo de entrada se admite que a versão não foi feita directamente do grego.

O caminho percorrido pela composição do bucolista do século 11 a.C. nos poetas renascentistas do final do século xv e do séc. xvi e seguintes está admiravelmente resumido no artigo de Mustard e citá-lo-ei, por isso: «Idyl I, *Ἔρωος δραπέτης*. Translated into Latin verse by Poliziano, ⁴Amor fugitivus ex Graeche Moschi' and, through Poliziano, into Italian by Hieronymo Benivieni and into English by Spenser, though Spenser's translation is lost. Translated also by Baif, 'À Mademoiselle Victoire' (Poèmes, V), and by Barnebe Barnes (c.1593), 'The first Edillion of Moschus describing Love'. Closely imitated by Girolamo Angeriano, 'De seipso et Venere', and Antonio Ferreira 'Amor fugido. De Moscho' ; less closely by Sannazaro, 'De Amore fugitivo', Gil Vicente, 'Fragoa d'Amor', Clément Marot, 'D'Amour fugitif. Invention de Marot',

T. Tasso, 'Amore fugitivo', Ben Johnson, 'Hue and Cry after Cupid', Gio. Battista Giraldi, 'Ad Venerem', and Benedetto Lampridio, 'De Venere et Cupidine fugitivo'. And there is a translation by George Turberville (1567), 'What time the Ladie Venus lost hir little sonne'.

Sannazaro's imitation, which is very slight, is found in a ten line Latin epigram (ii, 59). This is itself translated by Desportes, 'Les Amours d'Hippolyte', iii, and by an anonymous Italian writer (before 1539) quoted by Carducci, 'La Poesia Barbara nei Secoli xv e xvi', p. 256».

Não se encontrou até hoje qualquer composição espanhola ligada ao idílio de Mosco, anterior ao aproveitamento feito por Gil Vicente na *Frágua d'Amor*. E esta circunstância mais deve ter influído no cepticismo com que D. Carolina Michaelis de Vasconcelos relegou para o fim das *Notas Vicentinas* uma recusa a aceitar a sugestão de Menéndez y Pelayo de que a *Frágua d'Amor* continha um desenvolvimento do Ὑερωζ δραπέτης de Mosco (1).

O grande investigador espanhol — que pena o seu absorpcionismo castelhanizante! — nunca elaborou qualquer estudo ou tentativa de explicação das origens do conhecimento do idílio grego, por parte de Gil Vicente.

E no entanto, mesmo atendo-nos às reduzidas informações de que dispomos, mesmo reconhecendo a falta de versões modernas do epigrama na Península Ibérica, antes da *Frágua d'Amor*, não é impossível formular hipóteses sobre a maneira como o seu conteúdo teria sido transmitido a Gil Vicente. Para isso basta admitir que o dramaturgo conhecia não apenas o latim eclesiástico, mas era capaz também de ler latim literário, mais ou menos classicizante, como era o dos poetas novilatinos renascentistas.

Será difícil admiti-lo? Depois de ter relido a sua obra, não há muito, com olhos e mente de latinista, estou convencido de que Gil

(1) «[...] Não sou da opinião de Menéndez y Pelayo, que considera o lindo passo de *Vénus* e o *Amor fugitivo*, com que principia a *Frágua d'Amor*, como provindo, em linha recta, do Idílio I de Mosco. Suponho, pelo contrário, conquanto não descobrisse o vulgarizador castelhano, que foi vertido do *Epigrama* latino por Sannazaro, que ele veio à península, onde o traduziu não o próprio Juan del Enzina, mas algum outro dos poetas que em 1500 floresciam na corte dos reis católicos. De grego passara a latim. De latim a italiano. De Itália viera para Espanha. De Espanha a Portugal, como em todas as espécies bem analisadas». (P. 466 da edição da *Revista 'Ocidente'*).

Vicente possuía um conhecimento do latim, que não era inferior ao de tantos membros cultivados das cortes de D. Manuel e de D. João III, num tempo em que se vivia em «signo de latim». Não quer isto, todavia, dizer que o poeta fosse um humanista com as preocupações filológicas de Aires Barbosa, André de Resende ou, mais tarde, Aquiles Estaço, nem tal lhe era necessário.

Se aceitarmos que Gil Vicente foi um razoável latinista —coisa mais frequente naqueles tempos em Portugal, do que julgava D. Carolina Michaelis —, não teremos dificuldade em aceitar também que ele possa ter visto qualquer das versões latinas do idílio, correntes no seu tempo.

A primeira tradução latina, a de Ângelo Policiano, feita «provavelmente entre 1470 e 1480» (1), foi publicada pela primeira vez em 1498 nos *Opera*, saídos da oficina do veneziano Aldo Manúcio, «acompanhada por uma boa versão italiana de Girolamo Benivieni» (1).

E em data mais próxima da *Tragicomédia Frágua d'Amor*, que é de 1524, a bucólica de Mosco, na tradução de Policiano, foi reeditada na vizinha Espanha, se de facto saiu em 1519 uma edição bilingue greco-latina de Mosco, feita por Fernán Núñez (Pinciano), em Alcalá, na qual se encontrava uma vez mais a tradução em latim, da autoria do humanista italiano, falecido em 1494. Não consegui até hoje encontrar esta edição, de que fala F. G. Fucilla no artigo atrás citado (2),

(1) Cf. James Hutton, «The first Idyl of Moschus in imitations to the Year 1880» in *American Journal of Philology*, xlix (1928), p. 109.

(2) «The Spaniards betimes received an opportunity to make a direct acquaintance with the idyl through the Greek-Latin edition of Moschus prepared by F. Pinciano and dedicated to Antonio de Nebrija (Alcalá, 1519)», *Classical Philology* 26 (1931), p. 145.

Creio que há aqui uma confusão. Com efeito, segundo o Catálogo do Museu Britânico, aí se encontra um livro impresso naquele local e data, e editado por F. Nuñez de Guzmán, mas de Demetrius Moschus, autor renascentista, do século xv.

Sobre esse exemplar único escreveu Antonio Palau y Dulcet, *Manual del Librero Hispanoamericano*, X, p. 278: «Edición rara debida a Fernando Núñez de Guzmán, el Pinciano, quien la dedica a Antonio de Nebrija. Se había dudado de sua existencia».

Trata-se de um texto bilingüe, grego e latino, do *Rapto de Helena*, da autoria do humanista Demétrio Mosco.

O erro só me apareceu em toda a sua evidência, quando procurei ver uma fotografia da portada do livro citado por F. G. Fucilla e não foi possível encontrá-lo. A consulta do *General Catalogue of Printed Books* do Museu Britânico e da obra de Palau fez o resto. Devo a indicação desta última ao bibliotecário Dr. Jorge Peixoto.

apesar das diligências feitas em bibliotecas espanholas por mim, em Santiago de Compostela e em Sevilha, e por intermédio do meu prezado amigo Professor Sánchez-Ruipérez, em Salamanca e Madrid.

Em Mosco (cujo texto e tradução dou em apêndice) e, por consequência, na versão de Policiano, Vénus proclama a fuga de seu filho, o Amor, em termos de quem procura um escravo fugitivo. Descreve-o pormenorizadamente, promete a recompensa de um beijo e alguma coisa mais a quem o entregar e anuncia os danos que o pequeno, mas forte, deus pode causar em quem o recolher.

No século I a.C., Meleagro, um dos poetas da *Antologia Palatina*, que versou o mesmo tema, deu-lhe feição epigramática (em sentido greco-latino) e terminou a sua pequena composição, com uma nota original: o poeta encontra o Amor escondido nos olhos da bela Zenófila.

Mais tarde, um poeta do Renascimento italiano, Sannazaro, esconde o Amor no seu próprio peito, em epigrama latino que ficou famoso, sobre o mesmo tema:

*Quaerit huc illuc raptum sibi Cypria natum
Ille sed ad nostri pectoris ima latet.*

Outras versões e variantes podem encontrar-se no artigo de James Hutton, já citado.

Para o caso da *Frágua d'Amor*, além da versão latina de Policiano — a que mais facilmente chegaria ao conhecimento de Gil Vicente —, urna outra nos interessa.

Em «Fevereiro de 1518», como diz o cólofon(1), publicou João Joviano Pontano, nos seus *Eridana*, uma composição latina à roda do mesmo assunto, mas com diferenças notáveis em relação ao original grego.

(1) Venetiis in Aedibus Aldi et Andreae Soceri, Mense Februario, MDXVIII. Cataldo Siculo, como se vê nas *Epistole Cataldi*, cuja impressão foi concluída em Lisboa, em 21 de Fevereiro de 1500, teve relações epistolares com Joviano Pontano, talvez antes de vir da Itália para Portugal.

Por outro lado, a mesma correspondência documenta numerosas viagens de portugueses às cidades italianas, no final do século xv.

Cataldo tinha livros, entre eles um Lucrécio, e era grande leitor de Horácio. Os portugueses também adquiriam livros durante a sua estadia em Itália, como aqueles que trouxe de Roma, na sua bagagem, o bispo de Lamego, D. Fernando Coutinho, e que Cataldo leu regaladamente: «Quo commodo nos frui prudens ac

Para o poeta italiano, Vénus é a mãe amorável, preocupada com o desaparecimento do filho, e não a deusa voluptuosa, em busca dum escravo fugitivo.

A atitude da Vénus de Gil Vicente é semelhante à de Pontano. Também ela é a mãe solícita que procura o seu filho:

Na *Frágua d'Amor*, logo após o diálogo entre Romeiro e Peregrino, em que este informa o seu interlocutor sobre a tomada do Castelo que simboliza D. Catarina de Áustria, o Peregrino acrescenta:

Per. Para te hablar verdad
 por fuerza no fue vencido,
 mas el Capitán Copido
 le pidió la voluntad,
 y dióla sin más roído:
 vino del cielo escondido
 de su madre Venus diesa,
 bolando mucho depriessa,
 hecho niño esclarecido.

Quando Venus no halló
 en el cielo dios d'Amor,
 sus músicas convertió
 en lágrymas y decendió
 del cielo con gran dolor.

Vem a deosa Vénus, Raynha da Música, em busca de seu filho, déos d'Amor, e diz:

No sé á quien preguntar
 por el mi hijo Copido,
 nuestro dios d'Amor, perdido;

litteratus uir lamecensis episcopus perbenigne dignatus est. Nam in ea quam ex Italia nuper secum attulit bibliotheca, multas suauissimas, quibus in hac Lusitania caremus, degustauimus dapes».

Nesta mesma carta, dirigida a D. João II, queixa-se Cataldo de que o seu discípulo D. Jorge, filho bastardo do rei, lia demasiado os *Amores* de Ovídio, em vez das obras mais sérias que o preceptor pretendia explicar-lhe, por ordem do real pai.

Estas citações da Correspondência do humanista italiano vão sem número de páginas, por não existir tal numeração no seu livro.

y no sé en que lugar
 se me ha desaparecido.
 O mi hijo esclarecido!
 adónde estás?
 Que en mis tetas he sentido
 que es cierto que llorarás,
 y no serás socorrido.

A maternidade, assim tão pitorescamente expressa, tem paralelo em Pontano. Também este fala de Cupido, *maternis fotum mammis*:

*Dicite Nereides (nam uos quoque procreat unda)
 Anne aliquis uestris sit puer hospes aquis?
 Matris uos miserae moueat dolor, et labor, illum
 Anxia tam longa quae sequor usque uia.
 Ipse puer nudusque abiit, nec cognitus ulli,
 Quippe meo nunquam cesserat ante sinu,
 Maternis fotum mammis, fotumque sub ulnis,
 Hei mihi quis fluctus, quae fera Syrtis habet?*

Omito as três décimas seguintes em que Vénus dá largas à sua dor, procurando o filho, e passo a lágrimas e promessas que também se encontram em Pontano:

Nunca limpiaré mi cara
 de las lágrymas sobradas,
 con que mexillas, quexadas,
 por esta desdicha amara,
 a menudo son regadas.
 Salgan muy apresuradas
 sin recelo,
 del corazón estiladas,
 O lágrymas de mi consuelo,
 cuándo seréis consoladas ?...

Per. Señora, qué nos daréis,
 y qué bien nos haréis vos,

a mi y a dambos a dos,
 si por nuevas sabéis
 d'esse sublimado dios?

Yen. Dónde está?

Per. Qué prometéis ?

Ven. Prometo de os hazer
 que no améis a muger,
 que della no alcanzéis
 quanto vuessos amor quisier.

Em Pontano, embora mais concisamente, encontram-se os mesmos motivos :

*Dicite Sicelides, siqua latet, heu mea cura
 Anne aliquis uestro delitet amne puer?
 Sic uobis in amore fides stet semper amantum,
 Pax sit et a Libyco litt ore et Ionio.
 Miscet et his lacrimas.*

Tanto no humanista italiano, como em Gil Vicente, a deusa encontra o filho e os influxos benéficos do amor espalham-se por toda a parte:

*Littus amat, caluere undae, caluere natantes
 Mater adest facibus, natus adest pharetris.*

Exultât littus, ridet mare...

Em Gil Vicente:

Ven. Dadme nuevas de Copido,
 recobraré mi plazer,
 que está todo en mí perdido.

Per. El Dios de amor decendió
 a España, según suena,
 y él por sí se demovió,
 porque nunca cosa buena
 sin amor se concertó.

Hizo buenas maravillas
renovo los corazones,
abatió openiones,
hizo amores de renzillas,
de las discordias canciones,
de los enojos desseos,
de los males esperanzas,
de las yras concordanzas,
y de los respectos feos
muy graciosas mudanzas.

Não há que levar as comparações mais longe, e menos ainda afirmar que Joviano Pontano foi o modelo de Gil Vicente. As intenções dos dois poetas são diferentes e o pensamento geral da poesia grega prês-tava-se a muitas versões. E muitas houve, de facto, das quais uma, pelo menos, e de um poeta novilatino português, não foi até hoje, que eu saiba, assinalada. Refiro-me a Diogo Pires, exilado em Itália, onde em Ferrara, em 1545, publicou o *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum Liber Unus apud Fr ancis cum Rubrium*. O seu poema *Ad Venerem* contém um tratamento, em parte original, do velho tema.

Mas voltando a Gil Vicente e Pontano: a Vénus do humanista é bem mais clássica que a do nosso poeta. Ela é, no italiano, a deusa nascida das águas como a que Sandro Botticelli pintou no seu «Nascimento de Vénus», enquanto em Gil Vicente, aquela deusa da Música, não é inteiramente ortodoxa, pelos cânones mais severos da Mitologia. Assim mesmo, porém, o seu inesperado classicismo chegou para deixar surpresa D. Carolina Michaelis (1).

O tema de Vénus em busca do Amor, seu filho, continha em gérmen as possibilidades de ser aproveitado como motivo de epitalâmio e Gil Vicente fez dele um quadro da sua *Frágua d'Amor* que, à maneira dos epitalâmios clássicos, celebra os méritos dos dois desposados reais, D. João III e D. Catarina de Áustria, e lhes augura todas as venturas no matrimónio que vão iniciar.

A princesa não assistiu, mas chegada em breve a Portugal, deve ter lido a peça, escrita talvez intencionalmente em castelhano.

Tinham fama de cultas as infantas de Castela, e as tias de D. Catarina haviam impressionado as cortes estrangeiras: a Infanta D. Isabel,

(1) Cf. *Notas Vicentinas*, ed. da *Revista 'Ocidente'*, Lisboa, 1949, p. 328.

quando chegou a Portugal para casar com o filho de D. João II, foi saudada em latim por Cataldo Siculo. A homónima da esposa de D. João III, D. Catarina, deslumbrou os humanistas ingleses com a sua cultura clássica e os seus gostos intelectuais mais pronunciados que os de seu régio marido, Henrique VIII. E sua própria mãe, Joana-a-Louca, respondia desembaraçadamente em latim às saudações de embaixadores humanistas.

Nada mais natural, portanto, que Gil Vicente proporcionasse à jovem rainha a dramatização dum poema amoroso, decerto não ignorado dos meios cultos castelhanos, pelo menos na tradução de Ângelo Policiano.

Quanto às relações do célebre humanista com a corte portuguesa, são tão conhecidas, que quase me parece desnecessário referir-me a elas pormenorizadamente.

Entretanto, sempre lembrarei que, além de ter trocado correspondência (1) com D. João II que gostaria de ver a gesta dos portugueses contada no belo latim de Policiano, o literato florentino foi professor de Henrique Caiado, de Aires Barbosa, dos filhos do chanceler de Portugal, João Teixeira, e de outros mais.

A sua obra era apreciada na corte lusitana onde, ainda à roda de 1530, como prova a correspondência contida no MS FG 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa, os seus livros em latim eram lidos e discutidos (2).

Será hipótese absurda admitir que indirecta, ou mesmo directamente, Gil Vicente conheceu a versão feita por Ângelo Policiano, da Bucólica de Mosco? ou uma outra que apresenta maior número de semelhanças, a de Pontano? Creio que não.

Coimbra, Janeiro de 1963

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(1) As cartas de Policiano a D. João II e vice-versa e a de Teixeira a Policiano estão no começo do livro X (p. 300 e seguintes) dos *Angeli Politiani Opera*. Apud Seb. Gryphum, Lugduni, 1533.

(2) Cf. A. Costa Ramalho, «Joanna Vaz, femina doctissima» in *Colóquio*, n.º 20, Lisboa, 1962, p. 49.

BREVE ANTOLOGIA
DAS
COMPOSIÇÕES CITADAS

ΕΡΩΤΑ ΔΡΑΠΕΤΙΔΑΣ

- ' Α Κύπρις τον Ἐρωτα τον νιέα μακράν εβόστρεϊ'
 <<Όστις ἐνῖ τριόδουσιν πλανώμενον εἶδεν ᾽ Ἐρωτα,
 δραπετίδας ἐμός ἐστιν, ὁ μανύσας γέρας ἔξεν
 Μισθός τοι το φίλαμα το Κύπριδος· ἦν Ὄ³ ἀγάγης νιν,
 5 ου γυμνόν το φίλα μα, τι δ\ ὠ ζένε, καί πλέον ἔξεις.
 Ἔστι δ'ὁ παῖς περίσαμος' εν εἴκοσι πάσι μάθοις νιν.
 Χρώτα μεν ου λευκός, πυρί δ* εἴκελος' δ μ ματ α δ' αὐτό
 δριμύλα καί φλογόνετα* κακαί φρένες, ἀδύ λάλημα'
 10 ου γάρ Ἰσον νοέει καί φθέγγεται' ὡς μέλι φωνά,
 ὡς δε χολά νόος ἐστίν, ἀνάμερος, ἠπεροπευτάς,
 ουδέν ἀλαθεύων, δόλιον βρέφος, ἀγρια παῖσδων.
 Εὐπλόκαμον το κάρανον, ἔχει δ³Ἰταμόν το μέτωπον
 Μικύλα μεν τήνω τα χερύδρια, μακρά δε βάλλει,
 βάλλει κείς Ἐχέροντα και εις Ἐἰδεω βασιλεία.
 15 Γυμνός δλος το γε σώμα, νόος δέ οι ευ πεπύκασται.
 Και περόεις ὡς ὄρνις ἐφίπταται ἄλλον επ ἄλλω,
 ἀνέρας ἠδέ γυναίκας, ἐπί σπλάγχνοις δε κάθηται.
 Τόζον εχει μάλα βαιόν, υπέρ τόζω δέ βέλεμνον
 τυτθον μεν το βέλεμνον, ες αιθέρα δ' ἄχρι φορεῖται.
 20 Καί χρύσειον περί νότα φαρέτριον, ἐνδοθι δ' ἐντί
 τοι πικροί κάλαμοι, τοις πολλάκι κάμε τιτρώσκει.
 Πάντα μεν ἀγρια ταῦτα, πολύ πλέον ἄ δαῖς αὐτό'
 βαια λα μπας εοισα τον Ἄλιον αὐτόν ἀναίθει.
 * Ἦν τὺ γ' ἔλης τήνον, δῆσας ἀγε μηδ' ἐλεήσης.
 25 Κῆν ποτίδης κλαίοντα, φυλάσσεο μη σε πλανάση.
 Κῆν γελάη, τὺ νιν ελκε. Καί ἦν ἐθέλη σε φιλασαι,
 φεῖγε' κακόν το φίλαμα, τα χεῖλεα φάρμακον εντί.
 Ἦν δε λέγη' «Λάβε ταῦτα, χαρίζομαι δσσα μοι δπλα,»
 μη τὺ θίγης πλάνα δώρα· τα γάρ πυρί πάντα βέβαπται.»

AMOR FUGITIVO

Cípris chamava em alta grita o Amor, seu filho:

- «Se alguém nas encruzilhadas viu o Amor vagueando,
é meu fugitivo, quem o denunciar, terá um prémio,
será teu salário o beijo de Cípris; e, se o trouxeres,
5 não será o beijo seco, mas terás, ó desconhecido, algo mais.
É o menino inconfundível: em vinte que sejam, reconhecê-lo-ás.
A pele não é branca, mas da cor do fogo; e seus olhos
penetrantes lançam chamas; mau o coração, doce a fala,
uma coisa pensa e outra diz; como mel a sua voz,
10 mas como fel a sua mente, selvagem, enganador,
nunca fala verdade, criança travessa, de jogos cruéis.
Belas tranças na cabeça, sem vergonha a face.
Tem as mãos pequenas, mas atiram longe,
Atiram até o Aqueronte e o palácio do Hades.
15 Tem o corpo nu, mas a mente bem protegida.
Alado como um pássaro, voa para um e para outro,
para homens ou mulheres, e poisa nas suas entranhas.
Tem um arco minúsculo, mas sobre o arco uma seta;
e a seta é pequena, mas atinge o céu.
20 E às costas uma aljavazinha de ouro, e dentro dela
as flechas aguçadas, com que muitas vezes a mim própria fere.
Tudo isto é cruel, muito mais a sua tocha.
É um pequeno facho, mas inflama o próprio sol.
Se tu o agarrares, prende-o e trá-lo sem compaixão.
25 E se o vires chorando, tem cuidado não te engane.
E se ele rir, tu arrasta-o. E se quiser beijar-te,
foge. É mau o seu beijo e seus lábios são veneno.
E se disser: «pega, ofereço-te as minhas armas»,
não lhe toques, são pérfidos presentes. Está tudo banhado em fogo.

AMOR FVGITIVVS A GRAECO MOSCHI

- Cum Venus intento natum clamore uocaret:
 Si quisquam in triuiis errantem uidit Amorem.
 Hic Fugitiuus, ait, meus est. Pretium feret index
 Basiolum Veneris: quod si ad me duxeris illum,
 5 Non tantum dabo basiolum; plus, hospes, habebis.
 Insignis puer est: en omnia percipe signa.
 Non est candidulus, uerum ignem imitatur: ocelli
 Acres, flammeoli: mala mens, suauissima uerba;
 Quod loquitur, non sentit idem: uox mellea; sed cum
 10 Ira inflammatur, tum mens est aspera: fallax,
 Fraudator, mendax; ludit crudele puellus.
 Crispus est olli uertex, faciesque proterua,
 Exiguaeque manus; procul autem spicula torquet,
 Torquet in umbriferumque Acheronta et regna silentum.
 15 Membra quidem nudus, mentem uelatus: auisque
 More quatit pinnas, et nunc hos nunc petit illos,
 Saepe uiri pressans praecordia, saepe puellae.
 Arcum habet exiguum, sed et arcu imposta sagitta est;
 Parua sagitta quidem, sed caelum fertur adusque:
 20 Parua pharetra olli dependet et aurea tergo;
 Sunt et amari intus calami, quibus ille proteruius
 Me quoque saepe ferit matrem; sunt omnia saeua,
 Omnia, seque ipsum multo quoque saeuus angit:
 Paruula fax olli, solem tamen urit et ipsum.
 25 Verbere si prendes, age, ne miserare puellum:
 Si flentem aspicias, ne mox fallar e cauto:
 Sin arridebit, magis attrahe; basia si fors
 Ferre uolet, fuge tu: sunt noxia basia, in ipsis
 30 Multa uenena labris. Si fors ita dixerit: Heus tu,
 Accipe, nempe tibi cuncta haec mea largior arma:
 Ne continge, caue, fallacia munera Amoris;
 Omnia quippe igni sunt infecta illius arma{V}.*

(1) Tirado de *Prose volgari inedite e Poesie latine e greche edite e inedite di Angelo Ambrogini Poliziano raccolte e illustrate da Isidoro dei Lungo*. Firenze, 1867, pp. 525-7.

A tradução de Policiano apresenta diferenças, motivadas por lições diversas, nos versos 6, 22, 24 do texto grego. Além disso, não é perfeitamente justalinear. O texto grego que transcrevemos é o de Ph. E. Legrand, na edição Belles-Lettres.

DE AMORE FVGITIVO

*Quaeritat huc illuc raptum sibi Cypria natum:
Ille sed ad nostri pectoris ima latet.*

*Me miserum, quid agam? durus puer, aspera mater;
Et magnum in me ius altera, et alter habent.*

- 5 *Si celem, uideo quantus deus ossa peruret;
Sin prodam, merito durior hostis erit.
Adde quod haec non est, quae natum ad flagra reposcat,
Sed quae de nostro bella cruore uelit.*
- Ergo istic, fugitiue, late; sed parcius ure:*
- 10 *Haud alio poteris tutior esse loco (1).*

DE AMORE FVGITIVO

*Dicite Nereides (nam uos quoque procreat unda)
Anne aliquis uestris sit puer hospes aquis?
Matris uos miserae moueat dolor, et labor, illum
Anxia tam longa quae sequor usque uia.*

- 5 *Ipse puer nudusque abiit, nec cognitus ulli,
Quippe meo nunquam cesserat ante sinu.
Maternis fotum mammis, fotumque sub ulnis
Hei mihi quis fluctus, quae fera Syrtis habet?
Forte Paphi in luco, riui crepitantis ad undam*
- 10 *Dormueram, at que inter brachia natus erat.
Effugit e gremio fallens; ipsa excita somno
Hinc nemora et saltus, hinc loca culta peto.
Offertur nusquam terris, ingressa profundum
Aduenio uestras heu Venus illa domos,*

(1) *Jacobi siue Actii Synceri Sannazarii Neapolitani, uiri patricii, Poemata. Ex antiquis Editionibus accuratissime descripta, nunc denuo correctiora & ab aliquibus minus seriis expurgata. Adduntur etiam imitationes poeticae P. Famiani Strada Societatis Iesu. Conimbricae, Ex Typ. in Regali Artium Collegio Soc. Iesu, Anno Dni M.CC.XXXIII (sic). Superiorum permissu.*

O epigrama *De Amore Fugitiuo* vem a páginas 154 desta edição conimbricense, de 1733.

Sannazaro tratou ainda o mesmo assunto em italiano, de modo mais independente.

- 15 *Sicca siti, squalensque situ, defessa uiarum.*
Non comes aut hospes, non mihi tecta patent.
Et tamen hanc fama est dici Vulcanida terram,
Is deus est, pietas hic sua iura tenet.
Dicite Sicelides, siqua latet, heu mea cura,
- 20 *Anne aliquis uestro delitet amne puer?*
Sic uobis in amore fides stet semper amantum,
Pax sit et a Libyco littore et Ionio.
Miscet et his lacrimas. Tum sic miserata Charybdis.
Pube tenus nudo pectore blanda refert,
- 25 *O dea (inamque deam testantur singula), me cum est*
Ipse puer, lacrimis tu modo parce tuis.
Illicit emicuere faces, sonuere pharetrae,
Telaque, uenturi nuntia signa dei.
Mox thalamo exultans prodit puer et quatit alas.
- 30 *Nereidas tacito uulnere pungit amor.*
Littus amat, caluere undae, caluere natantes.
Mater adest facibus, natus adest pharetris,
Exilit in puerum genitrix. Exceptus et ille
In gremio, risus hinc mouet, hinc lacrimas.
- 35 *Exultat littus, ridet mare, blanda Charybdis*
Haec ait, horrisoni conticuere canes;
Hunc tibi diua potens, proles Iouis, auctor amandi
Restituo, tua me, te mea cura premat.
Accepi infantem, blandum do, pro rude doctum,
- 40 *Pro que fide fraudem, simplicitate dolum.*
Pro lacrimis risum docui, pro meile uenenum
Miscere, alternas et uariare uices,
Nunc placidam blandis pacem promittere ocellis,
Nunc trucibus mentes sollicitare modis.
- 45 *Nil constans, nil perpetuum seruare, nec ulli*
Parcere, in incertum fasque nefasque sequi.
Talibus instructum memorat longaeua Charybdis,
Caeruleo flauas humida rore comas.
Nereides puero assurgunt, ast aurea mater
- 50 *Zancleam ambrosio spargit honore deam,*
Perpetuamque illi speciem, uiridemque iuuentam
Esse dedit, Siculam moxque salutat humum.
Gratatur terrae, natum quae fouit, et inquit:

- Terra ferax segetum, Daedala terra uirum.*
 55 *Vos numeros celebrate meos, et nomen amandi,*
 Deque meo fiat numine clarus Eryx.
Haec ait, et niueis uolucrum sublata quadrigis
 Laeta petit portus, Cypria terra, tuos.
Quaque uolat, Zephyri dominam comitantur et aurae.
 60 *Stillat Acidalius rore fluente liquor.*
 Excepere Deam Charites sua redditur aris
 Gratia, in amplexu matris inhaeret amor.
At tu Pieridum studiis cultissime Carbo,
 Namque et amas, facito sit tibi notus amor.
 65 *Sint notae maris insidiae, sit nota Charybdis*
 Cincta sinum canibus, uirginis ora ferens (1).

AD VENEREM

- Inueni, promissa diu da basia, natum.*
 Pollicitis par est, Cypria, stare deas.
 Ille latet roseis (uidi uidi ipse) papillis
 Chloridos, in gremio Chloridos ille sedet.
 5 *Et modo colla manu tangit, modo pressat ocellos,*
 Et modo candidulo dente labella premit.
 Et modo ridenti ridens puer oscula libat,
 Et modo cynamneas diuidit aere comas.
 Et modo furtiuus loca nota caloribus intrat
 10 *Improbis, in nullo est crebrior ille loco.*
 Illic quo iuuenum uiolentior ille perurat
 Pectora, natiuo temperat igne faces.
 Nimirum locus ille faces, flammisque ministrat,
 Quem tenet, et circum lusitat acer Amor,
 15 *Quem circum uolitant Charites, blanda unde Voluptas*
 Saepe manu fertur dissecuisse rosam.
 At tu diua mihi da debita gaudia, natus
 Si tuus in tota Chloride totus agit (2).

(1) *Ioannis Iouiani Pontani Amorum libri II. De Amore conjugali III...*

Eridanorum II...

(2) *Didaci Pyrrhi Lusitani Carminum Liber Unus apud Franciscum Rubrium. Ferrariae, 1545.*